

A culpa não vai ser nossa

VICENTE PAULO DA SILVA

O drama do nosso Brasil não pode ser descrito apenas como uma vergonhosa crise institucional, moral e ética, que a cada dia compromete mais os governantes de plantão. É também consequência de uma assombrosa irresponsabilidade e uma profunda miopia por parte das elites, em particular de empresários que não enxergam outro horizonte senão o da especulação.

As mentiras ditas por Collor e seus comparsas à CPI já não enganam mais ninguém. O tráfico de influência de PC torna cada dia mais transparente a relação incestuosa entre governo e alguns empresários.

Uma país sem moral. É o que fica de todo este caos, que esconde um agravamento vertiginoso da miséria e da violência que corrói as entranhas de nossa sociedade. Mas, vários exemplos de dignidade — como o do motorista Eriberto e da secretária Sandra — nos fazem manter a esperança.

É com base nesses exemplos que nós trabalhadores não continuaremos assitindo passivamente a este festival de corrupção e de mentiras. Vamos lutar para impedir que Collor e sua política econômica destruam nosso país.

Basta acompanhar o desenvolvimento dos números da produção nacional e o crescimento do desemprego para ver o resultado da insanidade deste aventureiro. Mas, também, basta olhar para a decisão da Brastemp para perceber a cumplicidade de alguns empresários. São outros 756 demitidos que se somarão ao exército de



mais de 1,2 milhão de desempregados que perambulam pela Grande São Paulo.

É verdade que a Brastemp enfrenta uma profunda crise de consumo. Uma crise que não é apenas responsabilidade sua, mas de todos os empresários representados por PC, que ajudaram a eleger Collor. Também é verdade que a empresa precisa modernizar sua tecnologia para enfrentar o futuro.

Mas a forma com que a Brastemp vem enfrentando esses desafios leva-me a desconfiar de uma profunda ignorância administrativa. Tudo o que a empresa consegue fazer é demitir em massa. Foram 1.100 em 1988, 1.000 em 1990, 1.557 em 1991, e este ano 756 até agora.

Neste sentido, a Brastemp realmente é uma marca que "não tem comparação". É uma das empregadoras que menos respeita seus trabalhadores. Não consigo imaginar uma empresa que pretenda sobreviver e crescer se não for com a participação, com o apoio de seus trabalhadores. Para mim, com uma gestão deste tipo, a Brastemp tende a falir, embora não seja este o nosso desejo.

Por tudo isto, queremos que Collor vá embora. Mas isto não basta. Será preciso mostrar que a crise também é responsabilidade de algumas empresas que — também a exemplo da Cofap — não enxergam outra coisa senão seu próprio lucro.

Esta semana as montadoras de automóveis e empresas do setor deram mais um exemplo de estreiteza durante reunião da Câmara Setorial da Indústria Automobilística. Ao se recusarem a renovar a cláusula que garantia níveis de emprego no setor, elas quase colocaram a perder todo um esforço que vem sendo feito desde fins do ano passado e que já tem lugar na história deste país.

Em março foi assinado o acordo que permitiu a retoma-

da das vendas de automóveis. Todos ganharam com a decisão, inclusive nós trabalhadores, que obtivemos garantia de emprego e recomposição de salários, além de uma política de reajustes mensais. No final de junho, o acordo foi renovado, apesar do Confaz, que decidiu pela prorrogação da redução do ICMS apenas por um mês. As montadoras usaram este argumento para limitar a renovação da garantia de níveis de emprego no setor apenas até 31 de julho.

Não demorou, no entanto, para que a justificativa das montadoras se revelasse falsa. No final de julho, o Confaz prorrogou a redução do ICMS até 31 de setembro. Apesar disto, na reunião de Belo Horizonte, na segunda-feira, enquanto nós trabalhadores esperávamos avançar nas discussões sobre a agenda do futuro, incluindo produção, mais emprego, mais salário, etc, fomos surpreendidos pela decisão das montadoras de não renovar a garantia de nível de emprego no setor.

A persistir nesta atitude, que representava um rompimento do acordo dos carros, as montadoras não prejudicariam apenas seus 108 mil trabalhadores, que, em passado recente, já foram 130 mil. Ela comprometeria também toda uma proposta envolvendo trabalhadores, empresários e governo, no sentido de encontrarmos uma alternativa para este setor — que ainda é o carro-chefe da indústria nacional.

O recuo manifestado durante a semana, por parte do presidente da Anfavea, que passou a admitir a manutenção dos níveis de emprego, nos leva a acreditar que ainda é possível nos mantermos na Câmara Setorial. A posição coerente do governador de São Paulo, em apoio à necessidade da manutenção dos níveis de emprego no setor, também nos ajuda a

acreditar no futuro destas negociações. Mas falta ainda remover obstáculos, como o da Cofap, que continua se recusando a renegociar a demissão de 205 trabalhadores.

Será que empresas como esta não percebem que é preciso caminhar junto com seus trabalhadores, como acontece em todo o mundo, para realmente habilitá-las à sobrevivência diante de dificuldades cada vez mais graves não apenas em relação ao mercado interno, como também frente à concorrência internacional?

É muita coincidência que, ao mesmo tempo em que a Brastemp anuncia demissões em massa, a Cofap tenha rompido o acordo e a Scania tenha anunciado um voluntariado para demitir 250 trabalhadores. Embora reconheçamos que a responsabilidade maior por todas as dificuldades seja desta política econômica suicida, mantida por este governo corrupto de Collor, cabe perguntar o que pretendem esses empresários. Será que sua intenção é levar os trabalhadores a um gesto de desespero?

Por isso, é muito importante que nós trabalhadores nos manifestemos de forma organizada, antes que o desespero tome conta dos mais atingidos e penalizados pela crise. E, se isto vier a ocorrer, é importante neste momento voltar a advertir que não venham responsabilizar o movimento sindical.

Daí também a importância de fazermos do Ato Público da Praça da Sé, hoje às 15 horas, um marco de protesto contra este governo corrupto e sua política econômica suicida. O Brasil já não aguenta mais. Chega de corrupção e chega de irresponsabilidade.

■ Vicente Paulo da Silva é presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema e membro da Executiva Nacional da CUT.